

# ESPORTE COMO MÉTODO NA FORMAÇÃO CIDADÃ DE JOVENS

Jaderson Silva Barbosa<sup>1</sup>

## RESUMO

O artigo apresenta alguns resultados da experiência no programa Ação Cidadã, realizada na Universidade Estadual de Feira de Santana, no interior da Bahia, no qual o esporte apresenta uma concepção de conteúdo e método focado no processo de construção cidadã. Foram utilizados contribuições de referenciais teóricos que discutem o esporte e a educação cidadã, além da Pesquisa-Ação, que contribuiu na identificação dos resultados no contexto das ações desenvolvidas.

**PALAVRAS CHAVES:** esporte. educação. cidadania

## ABSTRACT

The article presents some results through the experience in the Citizen Action program, held at the Feira de Santana State University, in the interior of Bahia, where the sport presents a conception of content and method focused on the process of citizen building. We used contributions from theoretical frameworks that discuss sport and citizen education, in addition to Action Research, which contributed to the identification of the results in the context of the actions developed.

**KEYWORDS:** sport. education. citizenship

## 1. ENTRANDO EM CAMPO... O QUE ESTÁ EM JOGO?

O esporte, como manifestação da cultura corporal, compreendido dentro do contexto histórico e social, é, ao mesmo tempo, produto e processo cultural não podendo, portanto, ser personificado. Na sociedade em geral, ouvimos frases, como: o esporte retira das drogas; o esporte promove saúde; o esporte oportuniza

za ascensão social; o esporte promove a paz. Seria o esporte capaz de tamanhos feitos? Ao reconhecer o esporte como uma produção cultural, influenciado por questões sociais, econômicas, políticas, saberemos que o mesmo irá expressar atitudes humanas, que representam inclusão ou exclusão, aproximações ou distanciamentos, transformações ou reproduções

Sendo assim, o que está em jogo não é o esporte em si, mas para quais fins o mesmo está sendo utilizado. A problemática em discussão é sinalizada nas diversas produções na área e debates acadêmicos que denunciam, especialmente após a década de 80, o empobrecimento da função educativa do esporte, impactado especialmente pela presença da espetacularização dos mega-eventos (Olimpíadas, Copa do Mundo etc), que reproduzem pelo país práticas e discursos salvacionistas, excludentes e descontextualizados.

Neste sentido, devemos construir outras possibilidades de compreensão do esporte, demarcando que o esporte deve servir para denunciar problemas sociais e não para legitimar estes problemas; que pode contribuir na melhoria da qualidade de vida dos praticantes e não para prejudicar sua saúde; que pode promover cidadania e não reforçar processos excludentes e discriminatórios; que pode essencialmente ser uma ação lúdica, livre das amarras hegemônicas e não uma mercadoria a serviço de poucos (Soares, 1992; Malina, 2009; Silva, 2009; Brach, 2005 e Souza, 2009).

O estudo utilizou como inspiração o método da Pesquisa-Ação, que ajudou a identificar, analisar e descrever os dados da realidade dentro do contexto das ações desenvolvidas. A Pesquisa-Ação tende a fortalecer a relação entre a teoria e prática; favorecer alianças e comunicações entre pesquisadores e atores; perseguir o duplo objetivo de conhecimentos a desenvolver (pesquisa) e de situações a modificar (ação); produzir um novo saber na ação e para a ação; e se inserir em um processo de tomada de decisão com vista à resolução de



problemas (DIONNE, 2007; THIOLENT, 2011).

Nesta produção serão apresentados apenas resultados obtidos a partir de alguns instrumentos de coletas, especialmente as entrevistas e o diário de bordo. A problemática central da pesquisa foi: qual a contribuição do PEAC na formação esportiva e cidadã dos alunos matriculados na Escola de Esporte do programa? Existe contribuição significativa do PEAC, no sentido de possibilitar para a transformação social de crianças e jovens em situação de risco social onde foi implementado o Programa?

Destacou-se que, a partir das experiências com o PEAC, especialmente, o projeto Escola de Esportes, foi possível chegar a conclusões, mesmo que provisórias, trazendo por exemplo, elementos que propõem rupturas e contribuições em dimensões micro (proposição conceitual, procedimentos didáticos-metodológicos) e macroestruturais (modelo de sociedade, política pública, combate a violência), ambas, permanentemente interconectadas.

<sup>1</sup> Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana-BA (UEFS); Mestre em Educação. Coordenador do Programa Encaminhar: Ação Cidadã (PEAC/UEFS-Ba) e Colaborador do NIT/UEFS-Ba. E-mail: jsbesportescontato@gmail.com

## 2. JOGANDO O JOGO... ESPORTE E EDUCAÇÃO

Já com a bola rolando, importante demarcar que para iniciar uma tabelinha entre o esporte e a educação que se manifestam numa dinâmica histórica, inicialmente, será necessário estabelecer as aproximações submetendo a análise crítica. Numa tentativa de propor “novos sentidos” para a intervenção da área de Educação Física, através do esporte, enquanto prática pedagógica, em espaços educativos (projetos sociais, escolas etc). Esta proposição envolve uma compreensão da cultura corporal como uma teia de aprendizados construídos historicamente, tecidos na constituição biocultural da condição humana.

Para Severino (2006) a educação é o processo inerente à vida dos seres humanos, intrínseco à condição da espécie, uma vez que a reprodução dos seus integrantes não envolve apenas uma memória genética, pressupõe também uma memória cultural.

Sigamos na direção de um repertório ainda mais amplo e plural para a compreensão da educação, destacando-a como um processo de iniciação aos importantes saberes e sentires humanos. Educação possui como sua expressão latina a palavra educere que conota tirar para fora de, conduzir, levar e criar. Assim,

Educere incide em processos educacionais que emergem desde dentro, e, com seu dinamismo e intensidade, fomentam o espírito de criticidade e de inventividade, o senso intuitivo e a imaginação criante dos indivíduos. Processos que também implicam na transmissão e na assimilação dos saberes e dos valores instituídos, mas, sobretudo, implicam em sua expansão, criação e recriação, nas in-tensidades dos fluxos moventes da cultura, através da renovação e da instituição de novos saberes e sentires. Desse modo, a ação de educar incide no cuidado com a iniciação aos Sentidos humanos, de modo teórico e vivencial (grifo meu) (ARAÚJO, 2008, p. 190).

A escola assumi um papel essencial neste processo de iniciação aos sentidos humanos, e, ao longo dos anos percebe-se um aumento significativo na complexidade da vida social, o que desencadeou a implementação de práticas sistematizadas e intencionais, sendo atribuída à este espaço a responsabilidade, de modo formal e explícito, na inserção de novos membros no tecido sociocultural (SEVERINO, 2006).

Desde então, a escola ocupa um lugar

especial no imaginário popular, valorizada e reconhecida como um importante espaço de formação dos conhecimentos humanos sistematizados, os saberes culturais. Neste sentido, é a Educação Física, que dentro do espaço escolar ou em outras espaços de atuação que tem como objeto de ensino a cultura corporal, inclusive o esporte.

A Educação Física tem, ao longo de sua história, uma (in) tensa ligação com o esporte e o esporte com o jogo. A história do esporte está diretamente vinculada a história dos jogos. O jogo, o esporte, (além da dança, luta etc.), são produções culturais e manifestações da cultura do corpo, sendo a Educação Física a área de conhecimento legitimada para oportunizar a apropriação crítica destes conhecimentos.

O esporte é uma atividade corporal, historicamente criada e socialmente desenvolvida em torno de uma das expressões da subjetividade humana, o jogo lúdico, que não objetiva resultados materiais, e, o traço primordial do esporte, subjacente ao lúdico, é o caráter competitivo, o qual tem se convertido na força mais motivadora para afirmação e disseminação da sua prática (ESCOBAR, 2005, p. 27).

Ms estejamos atentos que frases como: “O Esporte é fator de inclusão social”; “O Esporte promove a ascensão social”; “o Esporte educa”; “O Esporte é saúde”; “O Esporte retira os adolescentes da drogas”, são retóricas vistas nas grandes mídias e, talvez como conseqüência, presentes de maneira salvacionista e/ou reprodutivista nos discursos (críticos, ingênuos ou perversos) que ressoam em praças esportivas, em projetos sociais, nas universidades, nos palanques, nos becos, nas ruas etc.

Divergir e romper com essa lógica pode contribuir para a formação de uma atitude criativa e reflexiva, possibilitando às futuras gerações, propor caminhos alternativos, transformadores, mais humanos. Até porque é condenável o modelo de crescimento mundial proposto para a sociedade, pois, em geral, está baseado e “medido pelo aumento da produção material, e não de serviços com lazer, saúde e educação” (BAUMAN, 2013, p. 88).

Penso que os caminhos propostos, em geral, tem nos levado à reprodução do que está posto, uma educação (e um esporte) “entendida inteiramente dependente da estrutura social geradora de marginalidade, cumprindo aí a função de reforçar a dominação e legitimar a marginalização” (SAVIANE, 2008, p. 5). Esta

conjuntura tem contribuído para uma explosão de atitudes desumanas, como: os diversos tipos de violência, a exclusão, o consumismo, exemplos de processos ironicamente e lamentavelmente irracionais.

Desta forma, precisamos de rupturas cada vez mais profundas e radicais nestes modelos propostos pelo sistema hegemônico que se apropriam de produções e sensações humanas, transformando tudo em lucro e rendimentos. Fica evidente o que Bauman ressalta o que para ele é a capacidade onívora dos mercados de consumo, verdadeiros predadores com “(...) fantástica habilidade de aproveitar todo e qualquer problema, ansiedade, apreensão, dor e sofrimento humanos – sua capacidade de transformar todo protesto e todo impacto de ‘força contrária’ em proveito e lucro” (BAUMAN, 2013, p. 31). Embriagado neste mesmo sistema está também o esporte.

Melo (2013) destaca que o esporte está integrado com o desenvolvimento do capitalismo (situação vista também em sistemas dito socialistas), estando relacionado com uma série de conjunturas que configuram uma lógica



que precisa ser superada.

### 3. SEGUNDO TEMPO... PARTINDO PARA O ATAQUE, EM BUSCA DA SUPERAÇÃO!

Neste momento serão destacados os impactos na formação das crianças envolvidas no Projeto Escola de Esporte do PEAC/UEFS-Ba a partir dos resultados das entrevistas com professoras e coordenação das escolas e considerações extraídas do diário de bordo.

Durante as aulas de esporte no programa, notamos que muitas situações repercutiam o que observamos na sociedade em geral. E um dos desafios do programa era não reforçar práticas esportivas condicionadas a necessidade de separação dos diferentes, distribuídos conforme gênero, aptidão física, valorizadas ou não de acordo com os interesses e padrões estabelecidos para esta ou aquela modalidade esportiva, para esta ou aquela função socialmente determinada, pois, estaria agindo assim, longe da proposta de uma educação cidadã.

Esta situação fica bem clara quando, mesmo com todo o cuidado e tensão propositiva na condução das aulas, os valores do esporte de alto rendimento, divulgados e fortalecidos pela mídia em geral, ainda se materializavam nas aulas da Escola de Esportes. Um pensar e agir que traziam tensionamentos no dia-a-dia do jogar esportes no PEAC.

Como exemplo, podemos citar os alunos e alunas que inicialmente não queriam jogar juntos, que não queriam jogar com um determinado colega, que buscavam essencialmente o produto final (gol, ponto, cesta – o resultado) importando-se pouco com o processo e/ou com o outro. Como de fato incluir numa sociedade excludente?

O importante neste aspecto foram os processos de mediação, as oportunidades de diálogos geradores de discussões em rodas coletivas de diálogo, que permitiram ao grupo estabelecer regras e estratégias didáticas e de condutas para que novos conhecimentos fossem produzidos. E isto foi se materializando nas ações/atitudes que iam se modificando ao longo do desenvolvimento das práticas esportivas educativas na Escola de Esportes.

A Escola de Esporte, acontecia nas quadras da UEFS/BA com jovens moradores dos bairros circunvizinhos da UEFS/Ba. Que, em geral, apresentavam altos índices de criminalidade, inclusive com o envolvimento de alguns de seus moradores com tráfico de drogas. Para ajudar a caracterizar socialmente um pouco mais esta região circunvizinha da UEFS segue

abaixo no quadro 1 o relato sobre o perfil de alguns dos alunos da escola. Um olhar a partir das professoras de uma escola municipal onde a maioria dos alunos do PEAC estudavam.

Professora (1). Dificuldade com aprendizado, é indisciplinado. Chegou sem saber ler, não se entrosa. Tem vergonha. Não é interessante para ele, pois, não consegue acompanhar. O sistema vai e empurra. A família é envolvida com drogas. Não conheço nem a mãe e nem o pai. A vida dele é bem complicada, tem uma índole boa. Não consegue enxergar a escola como um meio para uma vida melhor. O pai é ex-presidiário. E para que vai estudar? O pai e a mãe tem dinheiro. A família é envolvida com o tráfico.

Professora (2). Não tem dificuldades de aprendizado, sabe ler, escrever. Não tem muita ligação com a mãe. Mora com a avó. O pai dela foi morto a tiros, devido ao envolvimento com o tráfico. Ela é uma evangélica sozinha. Adora esporte. Acho que o caminho dela tá aí dentro (do PEAC). Antes ela ficava lavando prato e arrumando a casa, agora tem o futebol para ir.

Professora (3). Não tem dificuldade de aprendizado. Se ele conseguir ficar atento ele vai longe, muito esperto. Se vacilar ele te rouba, é manhoso. Dá dor de barriga, de dente tudo isto para ir embora. Têm histórico de tráfico com a família, dois irmãos presos (irmã e irmão). Menino bom! Chega chorando contando que alguém da família está apanhando da polícia. Mora na região do 13. Região que ocorre tráfico no novo horizonte. Gosto muito de Sam.

Quadro 1: o perfil pedagógico e social dos/as alunos/as sob a ótica das professoras

Fica bem evidente nas respostas das professoras que a vida destas crianças apresenta, em sua maioria, uma realidade social e familiar que as colocavam em extrema vulnerabilidade. O que esperar de crianças expostas a estas situações desestimuladoras? E o esporte neste contexto? Consegue contribuir?

A problemática mencionada pelas professoras foi identificada também pela UNESCO. Em um trabalho sobre políticas públicas e juventude esta instituição apontou os processos que reafirmam a exclusão, frutos da confluência entre mercado, Estado e sociedade. Dentre eles destaca:

dificuldade do Estado em reformar a educação, a ponto de poder formar melhor seus cidadãos; família e vizinhança que reduziram suas competências para gerar estímulos e confiança em criança e jovens com relação à importância da educação e formação; emancipação precoce dos jovens com níveis educacionais baixos, associada às altas taxas de fecundidade, contribuindo para que a pobreza se acentue nas primeiras etapas da vida familiar, fato que se liga intimamente ao item anterior; segregação residencial, criando focos de moradia com alta densidade demográfica; dificuldade cada vez maior de intercâmbio entre pessoas de diferentes níveis socioeconômicos em espaços públicos; segmentação dos serviços básicos, especialmente da educação (WERTHEIN apud HIRAMA, 2012, p. 104-105).

No caso dos/as alunos/as do PEAC, a ausência da família, a aproximação com a criminalidade e o processo de educação básica escolar deficiente, que produz os analfabetos e também os analfabetos funcionais (com dificuldades de compreender o que lê ou de se expressar criticamente por meio da escrita) (Hirama, 2012) indicam que os poucos avanços conquistados com a Escola de Esportes podem e devem ser valorizados.

No quadro 2 abaixo constam as principais respostas das entrevistas realizadas com as professoras e coordenadora da escola regular destes alunos/as matriculados/as na Escola de Esportes sobre as contribuições do Programa após 4 meses de intervenção.



Professora (P1): (...) Existe a necessidade de praticar esportes, a agitação ameniza um pouco (risos), fica com a energia voltada para o esporte. São alunos de uma comunidade pesada aqui, muitos pais envolvidos com isto (se referindo as drogas).

Professora (P2): Meninos bem contentes, para mim é fundamental. Tá um empolgação, gente fazendo fila para deixar entrar. Mudaram a maneira de vê o esporte, achavam que era só futebol. Eles contam tudo que acontece lá para a gente, acho que mudou a concepção de esporte. Fico preocupada com os alunos que vão direto para a escola depois da aula (no PEAC) e sem se alimentar. Vê isto para os próximos, são carentes! Alguns choraram por que as mães não levaram para tenta matricular na Escola de Esportes.

Coordenadora: Eu acho que contribui de maneira significativa. Temos crianças sem muitas perspectivas. Ou na TV ou na rua (...) ir para o esporte já contribui. A regra da disciplina e o cumprimento dos horários já muda a vida dos meninos (...) eles ficam sozinhos e a família sai para o trabalho. A escola e o projeto podem ajudar (...) eu consigo perceber que o projeto já ajudou. O histórico dos alunos que apresentam indisciplina, eles já melhoraram com o projeto. Especialmente os alunos do 5º ano. Tudo (...) o processo de inscrição, a rotina inicial, não faltar. Pequenas forças que geram uma força maior. Muda a realidade e não apenas o financeiro dos alunos. Afasta do mundo das drogas, mantém a saúde, que não seja um aviãozinho (referindo-se a uma função dada aos traficantes aos menores de idade no bairro de entregar drogas). A integridade física, moral e espiritual. A gente percebe que eles estão até mais contentes com a escola. Uma nova rede de relações que estão se criando. Todo projeto pode transformar (...).

Quadro 2. Vozes das professoras e coordenadora da Escola Municipal

Na fala das professoras (quadro 2) são identificados elementos que apontam uma superação dos/as alunos/as da condição que se encontravam antes da intervenção com o Projeto Escola de Esportes. Elementos como:

mudança de concepção sobre o esporte; as melhoras na conduta na escola; a melhoria nos valores e atitudes cidadãs.

Nesta perspectiva a cidadania “explicita-se como criação de espaços sociais de luta (movimentos sociais) e definição de instituições para a expressão política (partidos, órgãos públicos), visando conquista e consolidação de direitos (BETTI, 2009, p. 47). Estaria o PEAC dentro e através da UEFS se configurando como um espaço de luta? De estímulo ao desenvolvimento da cidadania? A identificação de direitos e a socialização de saberes? De uma luta contra os diversos tipos de violência no qual as crianças e jovens da comunidade estavam envolvidos?

O sonho de ascensão social através do esporte é algo muito presente entre crianças mais pobres. Talvez para o senso comum o esporte seja a expressão mais democrática de justiça, de igualdade e que o sucesso no campo esportivo, em geral, depende apenas do talento e da determinação do seu praticante. Nesta compreensão a ascensão social, a aquisição de bens materiais, o sucesso almejado são apenas para os mais esforçados, para aquelas que “são brasileiros e não desistem nunca”.<sup>2</sup>

A mídia exerce uma grande influência nos modos de vida, constrói estilos de vida, ditam normas e regras e manipula os desejos do povo. No entanto, “se não posso, de um lado estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro negar a quem sonha o direito de sonhar. Lido com gente e não com coisas” (FREIRE, 1996, p. 163). Neste sentido, o educador que vai atuar com o esporte precisa apresentar ao educando os fatores que podem contribuir ou dificultar a realização destes sonhos, através de uma intervenção crítica, sem omitir os dados da realidade. Estarei assim dando-lhe uma liberdade de pensamento, uma autonomia para compreender os fatores limitantes e incentivadores, para que dentro das infinitas possibilidades da criatividade humana, eles possam confrontar os seus desejos e trilhar suas escolhas (quando efetivamente possíveis) pelo mundo. Sendo mais feliz ou mais triste, mas especialmente quando bem informado, tenha o direito de fazer suas escolhas. Mesmo reconhecendo que estará diante de uma sociedade na qual o atual modelo hegemônico é, muitas vezes, determinante, injusto e excludente.

Os familiares presentes no último seminário de avaliação da Etapa 1 do Projeto Escola de Esportes deixaram suas considerações sobre a importância do programam na comunidade.

Mãe 1: Minha filha disse que gostou. E melhorou mais no estudo e no comportamento. Tem tirado boas notas. Eu creio que melhorou, o comportamento até em casa. Atenta com o celular para vê se tem alguma mensagem do programa.

Mãe 2: Os meus (filho e filha) gostam muito né (...) é único dia que meu filho acorda cedo. Esporte sempre é bom, só tem ajudar. Torcer para que o ano que vem continue (...) Ele gosta mesmo do vôlei e do basquete, agora a menina topa qualquer parada.

Mãe 3: Ele gostou muito da ideia do esporte. Duas vezes ele queria vir e eu proibi, ele estava com o nariz escorrendo e dizia “não eu tenho que ir”. Outro dia tava com dor de cabeça. Era um lugar que ele se sentia bem. Passou a gostar a ter de ler, comprou um livro lá para ler e não sei o que tem a ver esporte com livro, mas passou a gostar um pouco de leitura.

Pai 1: Eu gosto muito. Eu sempre que posso tô por aqui, eu gosto muito como os professores conversam com eles. Assim conversar sobre dividir, o valor da amizade, isto é muito importante na vida deles. Eles têm sempre que conversar. Sempre aparece um probleminha aqui e outro ali e eles estão sempre junto. Então isso é muito importante a gente que é pai né, sabendo que vai para cá e tá sendo cuidado.

Pai 2: A droga tá terrível né. Eu fico sentido pelos pais, por que não vem né (...) eu costume dizer lá no bairro, é carente e perdi projeto igual a este, por que os próprios pais não dão incentivo (...) Os pais infelizmente deixa a desejar (...).

Pai 3: Já é tão difícil as coisas.. É tão difícil educar o filho, oferecer algumas coisas. A gente tem alguma coisa em tempo de eleição nas comunidades, infelizmente (...) aqui um projeto desse aqui e o pessoal não valoriza (...) só tá presente quando é eleição. A gente sabe disso. Acho que na verdade dá, acho que dá, eu mesmo não posso nem tá aqui hoje, mas tô (...) tem que se programar.

Quadro (3): Fala das famílias – Seminário de avaliação ETAPA 1

<sup>2</sup> Slogan para uma campanha de marketing fruto de uma parceria público-privada entre a ABA (Associação Brasileira de Anunciantes e o Governo Federal) que utilizava situações de superação de personalidades famosas, no caso do esporte a imagem utilizada foi a superação de Ronaldinho “Fenômeno” que após várias cirurgias voltou aos campos de futebol e tornou-se campeão mundial com a seleção brasileira.

Alguns dos relatos transcritos no quadro 3 acima deixam claro a importância da importância do programa junto a comunidade. Relatam exemplos de esforço e compromisso de muitos alunos/as e também dos familiares, em estarem envolvidos com todas as ações propostas pelo projeto mesmo num país onde:

(...) O clientelismo, o patrimonialismo e a corrupção ainda perpassam as práticas que queremos democráticas, transparentes. A desigualdade de renda e de posse da terra, as diferenças no acesso a bens e serviços, as disparidades regionais, a discriminação dos negros, indígenas e mulheres, entre outras mazelas, convivem com o dinamismo econômico, com a inovação tecnológica, enfim, com o desenvolvimento. Orgulhamo-nos de estar entre as dez maiores economias do mundo, mas frequentemente negligenciamos o fato de ocuparmos a 84ª posição no ranking mundial do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) (FORPRO-EX, 2012, p.11).

A condição social destes alunos e alunas era ainda um fator agravante e impactante no projeto, revelando aos nossos olhos as contradições e desigualdades existentes em nosso país. Desta maneira, a discussão passa a ser mais ampla, uma luta constante por um maior e melhor acesso a educação de qualidade; uma melhor moradia com as condições de saneamento básico e saúde; a oportunidade de empregos e salários dignos; acesso a alimentação e ao lazer de qualidade.

Chegando ao Final do Jogo... Ou Seria um (Re)Começo?

Diante das limitações e possibilidades reveladas (ou não) ao longo da análise e dis-

cussões apresentadas frutos da pesquisa e da ação, identifico que o PEAC permitiu aos seus atores e autores produzirem, no campo teórico-prático, novos conhecimentos que puderam contribuir com o processo de formação dos seres humanos envolvidos no programa, inclusive propondo um novo olhar para as questões educacionais e sociais, numa perspectiva crítica, que envolve as discussões na área da Educação (Física) e do esporte em projetos sociais.

Foram apenas 4 meses de realização da Escola de Esporte no entanto, a partir das informações coletadas, o PEAC contribuiu para ampliar olhares, rever condutas e teorias, propor mudanças e, especialmente, vivenciar o esporte, oportunizando-o para crianças e adolescentes que não possuem acesso a este tipo de experiência cultural.

O discurso “salvacionista” que determinadas ações geralmente ditas “sociais” propõe com o esporte não deve deixar de considerar, agindo sempre e nos tensionamentos necessários, a necessidade reivindicar ou revelar, em paralelo, e talvez a priori, a melhoria na qualidade de vida dos jovens, das famílias inseridas no contexto onde será desenvolvido um projeto sócio-educativo.

Devemos acreditar, por mais que dura que seja a realidade, que a mesma criança que arremessa uma bola de handebol em direção as traves/redes na quadra de esportes marcando um belo gol, pode usar as mãos para tirar uma vida humana. Isto por que o gol marcado na infância nesta quadra, não leva em conta (e nem poderia isoladamente) romper e superar as injustiças na qual aquela criança continuou submetida. Contudo, felizmente, nem uma coisa e nem outra está determinada.

Diante dos enfrentamentos, proposições, considerações, debates, intervenções que foram vivenciados durante o PEAC podem ser produzidos novos conhecimentos e estes se materializaram em ações sempre resignificadas, numa atitude propositiva de acreditar que

transformações são possíveis e que o futuro não está determinado, o que já é um sinal de esperança. O futuro se faz na construção, numa atitude otimista (PRIGOGINE, 2003) e, ainda, reconhecer que “carvalhos centenários desenvolveram-se a partir de bolotas ridiculamente minúsculas” (BAUMAN, 2013, p. 28). Se quisermos, enquanto educadores, ampliar os impactos de nossas ações e melhorar as condições de atuação dos envolvidos devemos também, produzir espaços de resistências na dimensão global.

O Esporte pode ser conteúdo e método neste processo de resistência. Uma produção cultural humana, inserido em um contexto social e deve ser um bem para a humanidade. É necessário romper com a compreensão de uma minoria, por muitas vezes, oportunista, assistencialista, vendedora de ilusão, que em geral utilizam o esporte apenas pelas suas possibilidades econômicas ou como argumento teórico panfletário, desconsideram, assim, os seus jogadores, usando-os como peças descartáveis em um tabuleiro social de interesses produtivistas ou de ganho de votos em trocas de apitos, bolas ou coletes.

Apesar das contradições sempre aparentes, vivamos esperando (construindo e vivenciando) dias melhores, inspirado nas esperanças que renascem na natureza, nos seres humanos e nas quadras/campos de esportes pelo nosso imenso Brasil. Que se recomece o jogo (quantas vezes for necessário), com novos sujeitos, novas estratégias, novas teorias, novas práticas. Só que a cada novo (re)início estejamos ainda mais fortalecido no pensar e agir em prol de um mesmo desejo: a transformação humana. Numa metamorfose onde a vida fecunda o pensamento e as ações e estas, fecundam a vida. Assim, “eu prefiro ser esta metamorfose ambulante (...) do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo” Raul Seixas.

#### Referências

- BAUMAN, Zygmunt. Sobre educação e juventude: conversas com Riccardo Mazzeo/Zygmunt Bauman. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. RJ: Zahar, 2013.
- BRACHT, Váler. Sociologia crítica do esporte: uma introdução – Coleção educação física. 3 ed. Ed. Unijui, 2005.
- DIONNE, Hugues. A Pesquisa-Ação para o desenvolvimento local. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.
- ESCOBAR, Micheli Ortega. Jogo e Esporte na Cultura Corporal. In: Manifestações dos jogos / Micheli Ortega Escobar et al. – Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Educação a Distância, 2005.
- FORPROEX. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus-AM, maio, 2012.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa. 34ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HIRAMA, Leopoldo Katsuky. Algo para além de tirar as crianças da rua: a pedagogia do esporte em projetos socioeducativos. Orgs. Leopoldo Katsuki Hirama e Paulo Cesar Montagner. São Paulo: Ed. Phorte, 2012.
- MALINA, André e CESARIO, Sebastiana, organizadores. Esporte: fator de integração e inclusão social? – Campo Grande, MS: ED. UFMS, 2009.
- MELO, Victor Andrade Et al. Pesquisa Histórica e História do Esporte. RJ: 7 letras, 2013.
- PRIGOGINE, Ilya. O Fim da Certeza. In: Representação e complexidade / Candido Mendes (org.); Enrique Larreta (ed.). – Rio de Janeiro: Garamond, 2003.
- SAVIANI, Dermeval. Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política. 40. edição – Campinas, SP; Autores Associados, 2008 (Coleção polêmicas de nosso tempo; vol. 5).
- SEVERINO, Antonio Joaquim. Fundamentos ético-políticos da educação no Brasil de hoje. In: LIMA, Júlio César F.; NEVES, Lúcia Maria W. (Org.). Fundamentos da educação escolar do Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Fiocruz/EPSIV, 2006.
- SILVA, Maria Cecília de Paula. Do corpo objeto ao sujeito histórico: Perspectiva do corpo na história da Educação Brasileira. Salvador: EDUFBA, 2009.
- SOARES, Carmem Lúcia et al. Metodologia do ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.
- SOUZA, Maristela da Silva. Esporte Escolar: possibilidade superadora no plano da cultura corporal. São Paulo : Ícone, 2009.
- THIOLLENT, Michael. Metodologia da pesquisa-ação. 18ª ed. – São Paulo, Cortez, 2011.